

Organizadores

Fabiano Godinho Faria & Mauro Luiz Barbosa Marques

Giros à direita

Análises e perspectivas
sobre o campo
libero-conservador





Fabiano Godinho Faria é graduado e mestre em história social pela Universidade Federal Fluminense e doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente leciona como professor efetivo no Instituto Federal do Rio de Janeiro.



Mauro Luiz Barbosa Marques é historiador. Doutor pela UNISINOS (RS) e professor no Instituto Federal de Pernambuco. Dedicar-se à pesquisa em temas como mundo do trabalho e história dos pensamentos políticos.

Organizadores

Fabiano Godinho Faria & Mauro Luiz Barbosa Marques

Giros à direita

Análises e perspectivas
sobre o campo
libero-conservador



Sobral
2020

**SER
TÃO
CULT**

Giros à direita: Análises e perspectivas sobre o campo líbero-conservador

© 2020 copyright by Fabiano Godinho Faria & Mauro Luiz Barbosa Marques (Orgs.)

Impresso no Brasil/Printed in Brasil



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaocult.com
sertaocult@gmail.com
www.editorasertaocult.com

Coordenação do Conselho Editorial

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Conselho Editorial

Antonio Jerfson Lins de Freitas
Antonio Iramar Miranda Barros
Camila Teixeira Amaral
Carlos Augusto Pereira dos Santos
Cícero João da Costa Filho
Francisco Dênis Melo
Geranilde Costa e Silva
Gilberto Gilvan Souza Oliveira
João Batista Teófilo Silva
Juliana Magalhaes Linhares
Maria Aparecida de Sousa
Raimundo Alves de Araújo
Raul Max Lucas da Costa
Regina Celi Fonseca Raick
Tito Barros Leal de Pontes Medeiros
Valeria Aparecida Alves
Viviane de Souza Lima
Telma Bessa Sales

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Revisão

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Ilustrações

Mateus de Paula Pimentel Ferreira

Catálogo

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967

G527 Giros à direita: análises e perspectivas sobre o campo líbero-conservador./ Fabiano Godinho Faria, Mauro Luiz Barbosa Marques, (Organizadores). - Sobral- CE: Sertão Cult, 2020.

254p.

Número ISBN: 978-65-87429-04-5 - papel
Número ISBN: 978-65-87429-05-2 - E-book-pdf
Doi: 10.35260/87429052-2020

1. Política. 2. Liberalismo. 3. Conservadorismo. 4. Progressivismo. I. Título. II. Faria, Fabiano Godinho. III. Marques, Mauro Luiz Barbosa.

CDD 324.281

*Agradecemos o apoio das seguintes entidades sindicais
de servidores dos Institutos Federais de
Educação, Ciência e Tecnologia:*



Sumário

Apresentação / 9

Extrema direita e neofascismo: um fenômeno planetário: o caso Bolsonaro / 13
Michael Löwy

Neoliberalismo e (neo)autoritarismo: uma perspectiva de longo prazo a partir de casos do cone sul da América Latina / 20
Hernán Ramírez

Ultraliberalismo autoritário e o aprofundamento da dependência: o governo de extrema direita no Brasil no contexto da crise latino-americana / 46
David Moreno Montenegro

A reorganização da extrema direita latino-americana no ascenso bolsonarista: fóruns e redes organizativas / 71
Rejane Carolina Hoeveler

A direita unida em torno de Bolsonaro: uma análise da rede conservadora no Facebook / 90
Celina Lerner

Alguma coisa está fora do tempo: a doutrina da guerra revolucionária e o delírio anticomunista da família Bolsonaro / 122
Fabiano Godinho Faria

Um balanço crítico dos primeiros 18 meses da política educacional do governo Bolsonaro / 159
Michelangelo Torres

A revolução a partir da extrema direita: análises dos projetos da Ação Integralista Brasileira (AIB) e do Nacional Sindicalismo (N/S) / 174
Felipe Cazetta

Armas, literatura ‘panfletária’ e antissemitismo: a postura conservadora de Gustavo Barroso no Brasil dos anos 1930 / 193

Cícero João da Costa Filho

Uma direita “plural”: configurações ideológicas e organizações políticas da direita brasileira contemporânea / 222

Fábio Gentile

Um fantasma ronda o mundo, o fantasma de Gilead / 241

Mauro Luiz Barbosa Marques

Apresentação

Parece evidente um crescimento expressivo de correntes denominadas como “extrema direita”, entre outros termos, que chegaram ao poder em várias partes do mundo, desde a América, com EUA, Brasil e Colômbia, passando pela Europa, de Hungria e Polônia, chegando à Ásia, de Israel, Turquia e Índia, entre tantos outros Estados Nacionais. Especialmente após a crise econômica global de 2008, saídas por este viés socioeconômico tiveram seu grau de influência ampliado imensamente.

Tal fenômeno não demonstra ser efêmero, apesar de importantes dificuldades onde é aplicado na gestão estatal. Ainda que não reste clara a duração desse processo, ele merece toda atenção e problematização necessárias, pois traz às disputas políticas globais novos elementos nem sempre compreendidos, especialmente pela massa crítica progressista. Estes alinhamentos vinculados à direita extrema, via de regra, combinam de forma contraditória e complementar aspectos conservadores e ultraliberais, regados a práticas autoritárias de cunho neofascista. Em comum, tendem a rejeitar ou reagir a qualquer risco que coloque em xeque a ordem instituída, apesar de uma aparência difusa antissistêmica. Este avanço das direitas extremas pode ser um desdobramento do fracasso do neoliberalismo tradicional em promover a elevação geral do nível de vida pela instalação de uma sociedade de competição perfeita. Como os resultados foram o oposto, apostam numa guinada de ódio em que culpabilizam os setores política e socialmente mais vulneráveis. Ao mesmo tempo, alternativas políticas ao modelo neoliberal tiveram inúmeras dificuldades e limites nas práticas políticas efetivas.

Desde suas origens, os conservadores são umbilicalmente ligados à defesa da tradição, da hierarquia e temem o “novo”. Historicamente ligam-se a uma ideia de alternativa global à modernidade, ao pensamento progressista e especialmente revolucionário, que reduziu o poder do chamado *Antigo Regime* europeu. Correntes liberais contribuíram em muito para tal virada histórica difundindo ideias sobre a possibilidade do indivíduo autônomo aperfeiçoar sua vida a partir de transforma-

ções baseadas na iniciativa, no progresso e na racionalidade. Curiosamente, liberais e conservadores se aproximaram em muitos sentidos, especialmente a partir da metade do século XIX. Mergulhar em tal problemática, também debatida aqui nesta obra, tem sua centralidade para entender tal processo político contemporâneo. Apenas o pragmatismo político explica tal aproximação?

Os elementos contemporâneos após 2008 carregam um cenário marcado pela decadência econômica e a busca da retomada da taxa de lucros do capital, a constante migração massiva em diversos pontos do planeta, especialmente no sentido “sul-norte”, o desemprego e precarizações extremas da força de trabalho. A falta de respostas de governos de diversas matizes distintas da extrema direita, entre outros fatores, se somam num caldeirão que permite a nova germinação de valores se não esquecidos, bastante minoritários no pós 2ª Guerra Mundial. Assim, neste momento em que o pêndulo político global se movimenta à direita, organizamos esta publicação e convidamos à sua leitura. É pretendido aqui discorrer sobre características, origens, concepções e práticas das “direitas”, em suas diversas matizes, priorizando a compreensão deste problema na contemporaneidade, mas debruçado na longa duração para a devida e aprofundada análise do tema.

Para tal objetivo, onze autores com seus respectivos artigos estão aqui elencados. **Michael Löwy** abre a série de capítulos desta obra discorrendo sobre a amplitude planetária da ação da direita extrema, dialogando com conceitos como fascismo, populismo e neofascismo, colocados à luz da prática política destes partidos e governos espalhados por inúmeros países. Ainda na perspectiva transnacional, fundamental ao tema, **Hernán Ramírez** traz a origem do neoliberalismo, especialmente no Cone Sul americano, e o relaciona com as engrenagens de sistemas autoritários praticados nos Estados da região e chega, temporalmente, a debater tal relação no tempo presente.

David M. Montenegro analisa a ascensão do governo Bolsonaro dialogando com o conceito de fascismo dependente pensado na longa duração, tendo como partida os regimes civis militares surgidos da década de 1960 em diante no espaço latino-americano e superando as variadas experiências de esquerda que assumiram o poder a partir do final do século passado. Na perspectiva do tempo presente, **Rejane C. Hoeverler** traz em seu capítulo um estudo sobre as múltiplas relações políticas, militares e empresariais entre as extremas-direitas latino-americanas, bem como suas conexões no último período, especialmente com a eleição de Jair Bolsonaro.

O capítulo escrito por **Celina Lerner** utiliza grafos que demonstram as relações entre mais de nove mil grupos no Facebook que formaram a rede libero-con-

servadora atuante nos últimos anos no Brasil. Uma impressionante radiografia deste instrumento utilizado pelos setores de direita com grande competência e ousadia neste período recente. Por sua vez, **Fabiano Godinho Faria** resgata a Doutrina da Guerra Revolucionária, uma espécie de “teoria da conspiração” importada do exército francês no final da década de 1950, que se tornou a alma da conspiração que derrubou João Goulart. No governo de Jair Bolsonaro, em pleno século XXI, essa mesma doutrina está sendo novamente resgatada das cinzas para justificar o renovado combate à ameaça do comunismo.

Navegando de forma comparativa entre os primeiros períodos republicanos de Brasil e Portugal, **Felipe Cazetta** retrata o embate do integralismo lusitano e brasileiro contra o liberalismo, as correntes socialistas bem como às formas democráticas, mesmo mínimas, de organização societal. No mesmo período histórico, **Cícero João da Costa Filho** analisa a trajetória intelectual de Gustavo Barroso, com destaque ao antissemitismo como elemento fundamental do projeto integralista do qual este intelectual nordestino ocupava a função de chefe da milícia. Nestes dois artigos, o integralismo é desnudado como importante corrente conservadora do início do século passado.

Fabio Gentile pensa em seu artigo configurações ideológicas e as organizações políticas da direita brasileira contemporânea. Traz e analisa a categoria de direita “plural”, destacando a tensão liberalismo-autoritarismo, algo presente na história do Brasil. Assim, o fenômeno da direita brasileira é pensado pelo autor numa perspectiva histórica e vinculado às tradições doutrinárias de longa duração. Por seu turno, **Mauro Luiz B. Marques** apresenta uma análise contextualizada da série distópica de imenso sucesso “O Conto da Aia”. Indo bem além do conteúdo da série em si, o autor relaciona a proposta ficcional distópica da autora com o cenário estadunidense, especialmente nas décadas de 1970 e 1980, bem como desnuda aspectos centrais da doutrina ultra-liberal e ultraconservadora daquele país.

Michelangelo Torres aborda uma análise crítica dos primeiros 18 meses da política educacional do governo de extrema direita no Brasil. O andamento da análise recai sobre as continuidades e discontinuidades da política educacional no governo Bolsonaro em relação a governos que o precederam. A hipótese é que há, por um lado, o intuito de uma consolidação ideológica de base conservadora que pretende impor, por viés autoritário, uma nova face à educação no País com requinte de perversidade e obscurantismo (apoiado no conservadorismo e em um grupo fundamentalista de extrema direita), no intuito de ceifar qualquer perspectiva de autonomia ou pensamento crítico.

Tais textos analisam as práticas políticas libero-conservadoras-autoritárias planetárias, com destaque ao cenário nacional. Esta coletividade de autores espera contribuir para o pensamento crítico, libertário e de resistência a um mundo em disputa e que, perigosamente, pode voltar a beirar o obscurantismo societal.

Os organizadores

Fabiano G. Faria & Mauro Luiz B. Marques

A direita unida em torno de Bolsonaro: uma análise da rede conservadora no facebook



*Celina Lerner*²

“Os gritos das pessoas que ocuparam o gramado da Esplanada dos Ministérios, em Brasília, foram a parte mais reveladora da posse de Bolsonaro, em 1º de Janeiro. Eufórica, a massa berrava: ‘WhatsApp! WhatsApp! Facebook! Facebook!’”

Eliane Brum, 4 de janeiro de 2019, El País

A escalada recente do conservadorismo na política brasileira é concomitante com a ampliação da penetração da Internet e, em especial, da rede social Facebook, no Brasil. Inicialmente planejada para o compartilhamento de momentos cotidianos expressos em fotos ou textos, a maior plataforma de rede social digital do mundo ganhou usos tão diversos quanto as necessidades e vontades de seus usuários. Ao longo do tempo, o Facebook tornou-se um campo privilegiado para a articulação de mobilizações, para a discussão de temas de interesse público e para a realização e repercussão de campanhas eleitorais. Em especial no contexto brasileiro, a discussão sobre política extrapolou os períodos eleitorais e se tornou uma prática amplamente difundida no cotidiano. O senso comum de que o brasileiro era despolitizado ou não demonstrava interesse pelos assuntos relativos à política definitivamente cai por terra nos últimos anos. Em 2016, ano do impeachment de Dilma Rousseff, a política brasileira foi o segundo tema mais

1 Este capítulo é um desdobramento de pesquisa de doutorado realizada no Programa de Pós-graduação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do ABC.

2 Celina Lerner é formada em jornalismo e mestre em Sociologia pela USP. Realizou doutorado no Programa de Ciências Humanas e Sociais da UFABC, com período de intercâmbio (PDSE/CAPES) no Digital Media Research Centre da QUT, na Austrália. Sua tese, defendida em 2019, tem como título “A Mentalidade Conservadora no Brasil: uma análise da interação política em redes sociais digitais (2012-2018)”.

frequente no Facebook no mundo todo, atrás somente da eleição para presidente dos Estados Unidos.

Em abril daquele ano, quando as atenções de todo o país estavam voltadas para a Câmara dos Deputados, que decidia o prosseguimento do processo de impeachment da presidente, o então deputado federal Jair Bolsonaro justificou seu voto a favor do afastamento com a seguinte fala:

[...] Perderam em 64, perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula, que o PT nunca teve. Contra o comunismo. Pela nossa liberdade. Contra o Foro de São Paulo. Pela memória do Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff. Pelo Exército de Caxias, pelas nossas Forças Armadas. Por um Brasil acima de tudo, e por Deus acima de todos, o meu voto é sim (BOLSONARO, 17 de abril de 2016).

A justificação de voto no processo de impeachment reverberou positivamente na página do deputado no Facebook, tanto nas postagens quanto nos comentários (FRIGO, 2018). Nesse período, o número de fãs da página oficial de Bolsonaro no Facebook cresceu 36%, ultrapassando o número de fãs da página da presidente Dilma (FERRARI; CAPELO, 2016). Na fala emblemática do deputado, despontam características do universo mental do conservadorismo,³ do qual Bolsonaro se tornou porta-voz: o valor positivo da violência, uma violência cruel e implacável que apavora o inimigo vermelho - Dilma Rousseff, o PT, o comunismo, o Foro de São Paulo. Tudo em nome da família e da inocência das crianças, pelo Brasil e por Deus.

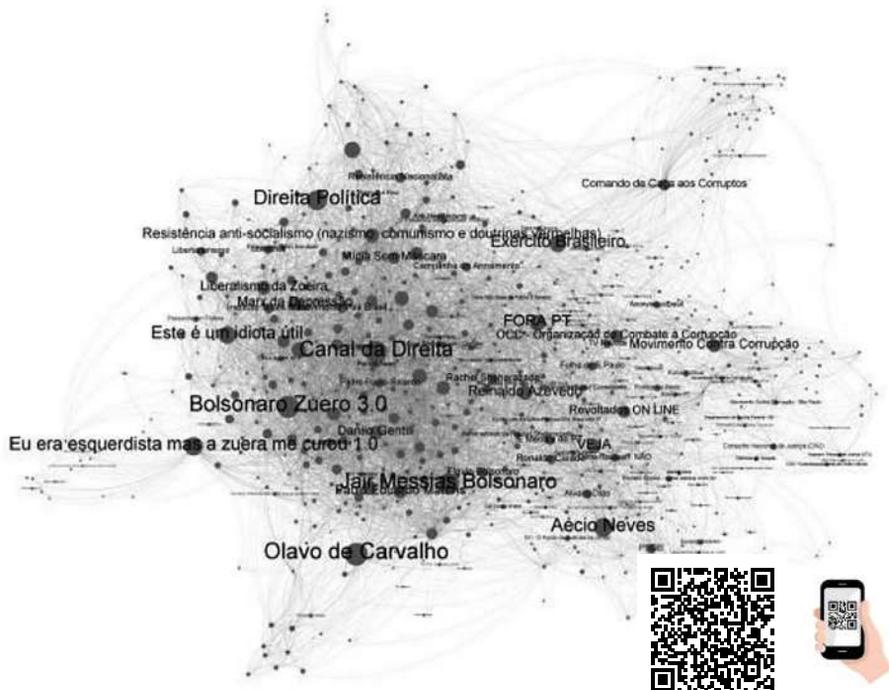
Temas semelhantes compõem a fala pública de Bolsonaro desde o seu primeiro mandato como deputado federal, iniciado em 1991. Porém, a preocupação com uma moral conservadora tornou-se a tônica de seu discurso mais recentemente, no mandato de 2011 a 2014 (SHALDERS, 2017). A combinação entre a aparição bombástica na mídia convencional, a formação de uma rede de apoiadores na Internet e o deslocamento da linha discursiva para temas conservadores resultou em excelente desempenho eleitoral. Em 2014, o deputado ampliou sua base eleitoral como nunca, tendo sido reeleito deputado federal com mais do que o quádruplo de votos que costumava receber.

Utilizando os dados de curtida de página, Santos Junior (2016) montou o grafo da rede antipetista no Facebook no contexto da eleição de outubro de 2014, dispu-

3 Ver: LERNER, Celina. **A Mentalidade Conservadora no Brasil: uma análise das interações políticas no Facebook (2012-2018)**, Tese de Doutorado, Programa Ciências Humanas e Sociais – UFABC, 2019.

tada entre Dilma Rousseff do PT e Aécio Neves do PSDB (Figura 1). Já naquele momento, é proeminente a centralidade da página do deputado federal Jair Messias Bolsonaro, na época candidato à reeleição no legislativo. Há também a página denominada Bolsonaro Zuero 3.0, de conteúdo humorístico antipetista e pró-Bolsonaro, mais central que a do deputado e que tem, sozinha, o mesmo número de curtidas de página que a página oficial do candidato à presidência Aécio Neves.

Figura 1 - Rede antipetista de Curtida de Páginas, em 2014



Fonte: SANTOS JUNIOR, 2016

O resultado da rede de curtidas de página da rede antipetista de 2014 (Figura 1) não difere muito da rede conservadora montada em 2017, que analisamos no presente trabalho. Como veremos a seguir, em 2017, a página oficial de Jair Messias Bolsonaro é a que tem maior número de curtidas de página e a humorística com o nome do político aparece com um novo nome: Direita Vive 3.0, ainda com bastante importância, mas com menor número de curtidas que a página oficial de Bolsonaro. A semelhança entre as redes montadas em datas diferentes leva a crer que antipetismo e conservadorismo se sobrepõem no Brasil atual. E mais, que a rede antipetista tenha se formado no contexto eleitoral de 2014 e permaneça amalgamada e ativa durante todo o período analisado, indicando que o fortalecimento do conservadorismo no Brasil tenha se dado em consequência de disputas eleitorais iniciadas naquele período.

Na mesma época, cresce o número de usuários da Internet, em virtude da ampliação do acesso por telefones celulares e pela popularização das plataformas

digitais de rede social. Em 2012, o Facebook, considerado a maior plataforma de rede social do mundo, registrava 50 milhões de contas ativas no Brasil, número equivalente a um terço da população com 10 anos ou mais. Seis anos depois, no primeiro trimestre de 2018, a empresa anunciava a marca de 127 milhões de usuários ativos por mês no Brasil, o correspondente a aproximadamente 70% da população nacional com 10 anos ou mais. Naquele ano, o Brasil figurava como o terceiro país em número de usuários do Facebook, atrás apenas da Índia e dos Estados Unidos.

Nesse cenário, o Brasil elege em 2018 o Congresso Nacional mais conservador desde a redemocratização (QUEIROZ, 2018) e um presidente de direita, com muitos anos de atuação como deputado, mas sem ligação com nenhum partido tradicional. Militar reformado, Bolsonaro iniciou sua carreira como deputado federal em 1990 e exerceu sete mandatos consecutivos. Ganhou popularidade nos últimos anos, no mesmo momento em que se articulava na Internet e fora dela uma forte rede antipetista. A presente pesquisa busca, a partir da análise de redes, detalhar a composição da direita contemporânea, identificando os distintos grupos e interesses que compõem esse amplo espectro da direita que logrou êxito em conquistar o governo nacional nas últimas eleições.

Análise de redes sociais

A emergência das plataformas de rede social gera uma oportunidade inédita de investigação de fenômenos sociais em larga escala, a partir dos dados digitais de interações na Internet, conhecidos como *big social data* ou grandes dados sociais (MANOVICH, 2012; BURGESS; BRUNS, 2012). A noção de rede, porém, está presente nas ciências sociais desde o começo do século XX. A ideia de modelagem matemática das relações sociais remete à física social de Auguste Comte e também à perspectiva estrutural-funcionalista de Émile Durkheim, que localiza as origens do comportamento e das crenças não nos indivíduos, mas na sociedade. Inicialmente utilizada como metáfora para ilustrar modos de relações entre indivíduos, a análise de redes sociais foi ganhando forma e vocabulário próprios com o desenvolvimento da análise sociométrica, na antropologia e na psicologia, e principalmente a partir do encontro da teoria social com a matemática formal, a estatística e os métodos computacionais (WASSERMAN; FAUST, 1994; PORTUGAL, 2007).

Em termos matemáticos, uma rede é representada graficamente por um conjunto de vértices (ou nós) e um conjunto de arestas que conectam esses vértices. As arestas representam algum tipo de relação entre dois vértices de acordo com o problema modelado (METZ *et al.*, 2007). A abordagem de redes tem por axioma

a investigação de fenômenos a partir das relações entre seus componentes, deslocando, no caso da pesquisa social, o foco das propriedades de indivíduos específicos para a relação que estes indivíduos estabelecem entre si, sendo, por isso, muito úteis para pensar as dinâmicas coletivas que interessam às ciências sociais.

O estudo das redes sociais ganha novo fôlego entre os cientistas sociais principalmente após o surgimento dos chamados sites de redes sociais na Internet. A própria arquitetura de redes da Internet, da comunicação mediada por computador em geral e das plataformas de mídia social, favorecem a adoção do modelo de análise de redes para o estudo dessas relações sociais. Aplicada à *big social data*, a análise de redes sociais permite a visualização e interpretação de dados relacionais de grandes quantidades de dados digitais de interação social “minerados” ou “raspados” da Internet (BEN-DAVID; MATAMOROS-FERNÁNDEZ, 2016; RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015; ROGERS, 2013). Como aponta Santos Junior (2016), os grafos de rede são usados para analisar as relações entre os diversos atores na Internet pelo menos desde a década de 2000, tendo sido aplicados no estudo de hiperlinks, de relações na blogosfera, da difusão de informação no Twitter e, mais recentemente, na visualização de comunidades no Facebook (KIM; PARK; THELWALL, 2006; BRUNS, 2007; BRUNS; BURGESS; HIGH-FIELD, 2014; CHO; PARK, 2013; SANTOS JUNIOR, 2016; CANO, 2018).

Adotamos a perspectiva de rede de questões (ROGERS, 2015), que busca analisar criticamente os dados sociais em rede considerando (1) os atores específicos que dão voz à questão com maior força; (2) as áreas que envolvem a preocupação e as que a ignoram, (3) a longevidade ou a durabilidade da preocupação dos atores e; (4) sua articulação específica. A proposta metodológica pede ainda a avaliação da contra articulação e dos atores que declaram a mesma preocupação, mas que não são alinhados, porém, como veremos a seguir, a rede conservadora mostrou-se um sistema fechado a posições contrárias ou alheias e com a maior parte dos atores alinhados.

Rede Conservadora de páginas públicas no Facebook

A rede que apresentamos agora é fruto da pesquisa sobre a mentalidade conservadora no Brasil, realizada pela autora em seu doutorado. Esta rede de curtidas de páginas ou *page like network* foi construída a partir de páginas que se autodenominam conservadoras, evitando classificar de antemão grupos ou temas como pertencentes à mentalidade conservadora. Para isso procuramos por páginas que tivessem no próprio nome a palavra “conservador”. A rede aqui apresentada é composta por Páginas Públicas do Facebook, também chamadas de *fanpages*,

definidas pela plataforma como “perfis públicos que permitem a artistas, figuras públicas, homens de negócios, marcas, organizações e organizações sem fins lucrativos criarem uma presença no Facebook e conectar com a comunidade Facebook”. Por isso, é importante ter sempre em mente que estamos tratando da articulação de formadores de opinião ou *influencers* e não de usuários comuns, uma vez que a rede é composta por Páginas Públicas e suas relações, e não por perfis de usuários.

Montagem da rede

Em primeiro lugar, utilizamos o mecanismo de busca da plataforma presente no *app* Netvizz (RIEDER, 2013), procurando pela palavra “conservador”. A busca, realizada em setembro de 2017, retornou 520 páginas com a palavra “conservador” ou correlatas como conservadora e conservadorismo no próprio nome. Aplicamos um filtro de popularidade e selecionamos apenas as páginas com mais de 3 mil fãs. Avaliamos individualmente cada uma, eliminando qualquer resultado não brasileiro. O processo resultou num conjunto de 42 páginas públicas brasileiras com conservador no nome e mais de 3 mil fãs. No total, essas 42 páginas reuniam quase 3,5 milhões de fãs, uma média de 82,7 mil usuários por página. Chamamos este conjunto de páginas semente ou *seeds*, pois a partir delas são colhidos os dados para a montagem da rede.

A partir deste primeiro grupo de 42 páginas públicas autodenominadas conservadoras, montamos a rede de páginas curtidas por elas no Facebook. Com o aplicativo Netvizz, coletamos os dados de curtidas de página de cada uma delas em uma profundidade de dois níveis. Em outras palavras, coletamos a lista de páginas curtidas por cada uma das páginas semente e também a lista das páginas curtidas pelas páginas curtidas pelas sementes. As 42 coletas retornaram um total de 14.631 páginas e 118.276 curtidas entre elas.

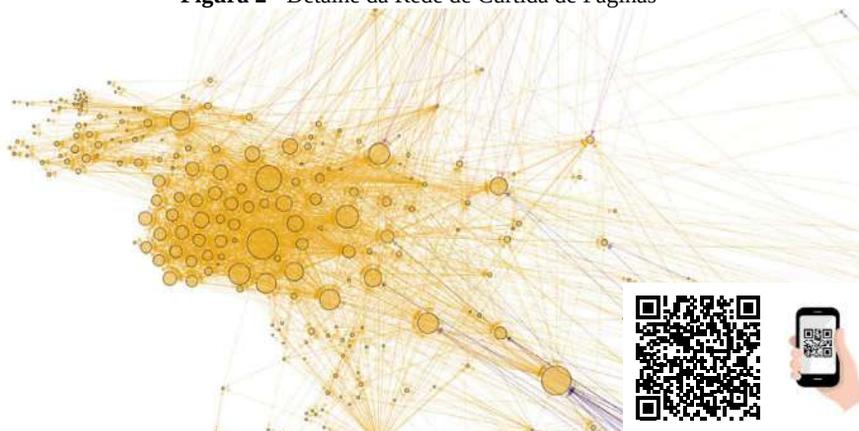
Para visualizar a rede de curtidas de páginas ou *page like network*, mesclamos os dados coletados com o auxílio do programa Gephi, um software de código aberto para análise de redes, que permite espacializar, filtrar, navegar, manipular e agrupar os dados para uma visualização dinâmica de redes, desenvolvido na *Maison des Sciences de l’Homme* em Paris (BASTIAN *et al.*, 2009). A união dos 42 arquivos iniciais resultou em uma rede com 9.389 nós e 75.808 arestas, sendo que cada nó corresponde a uma página pública do Facebook e cada aresta indica a relação de curtida de uma página a outra.

Os elementos da rede

As redes de curtidas de página ou *page like networks* são compostas por apenas dois elementos dispostos graficamente em um plano: 1. os nós, desenhados como círculos e representando páginas públicas do Facebook; e 2. as arestas, linhas que ligam esses nós representando que a página de uma extremidade da aresta curtiu a página localizada na outra ponta (Figura 2).

As arestas são direcionadas e representadas como setas: o sinal de ponta de seta em uma das extremidades indica que a curtida partiu da outra extremidade e chegou até a página para a qual a seta aponta. O tamanho do círculo que representa cada página e o tamanho de seu texto (quando aparece) é resultado da quantidade de setas direcionadas a ela. Quanto mais páginas da rede curtiram uma determinada página, maior o tamanho do seu nó e do seu rótulo. Em outras palavras, o tamanho dos nós representa a medida de centralidade *in-degree*, ou grau de entrada, que indica o total de arestas apontadas para o nó.

Figura 2 - Detalhe da Rede de Curtida de Páginas



Fonte: a autora

Para extrair sentido desse conjunto de elementos, aplicamos alguns cálculos matemáticos que identificam relações entre os elementos e cujos resultados podem ser visualizados. Para organizar espacialmente os elementos da rede, utilizamos o algoritmo ForceAtlas2, que simula um sistema físico: “os nós se repelem como partículas carregadas, enquanto as arestas atraem seus nós, como molas” (JACOMY *et al.*, 2014). Essas forças criam um movimento que converge para um estado equilibrado e o desenho final da rede ajuda a enxergar a distribuição das conexões, a formação de grupos e a relação entre eles.

Para entender ainda melhor como se agrupam as páginas e descobrir tópicos ou interesses em torno dos quais os nós se unem, aplicamos um algoritmo de modularidade para a detecção de comunidades (BLONDEL *et al.*, 2008). O objetivo

da detecção de comunidades é encontrar grupos de nós que se conectam densamente entre si. No final do cálculo de modularidade, uma comunidade representa um grupo de nós que se conectam densamente entre si em contraste com outros grupos também densamente conectados internamente, mas esparsamente ligados entre eles. Na montagem da rede, aplicamos o algoritmo de modularidade com resolução 1.0 (LAMBIOTTE; DELVENNE; BARAHONA, 2009), o que resultou na identificação de 25 comunidades, cujas principais analisamos pormenorizadamente a seguir. As comunidades no grafo são representadas pelas diferentes cores dos nós e arestas (Figura 3)⁴.

Figura 3 - Rede de Curtida de Páginas – geral



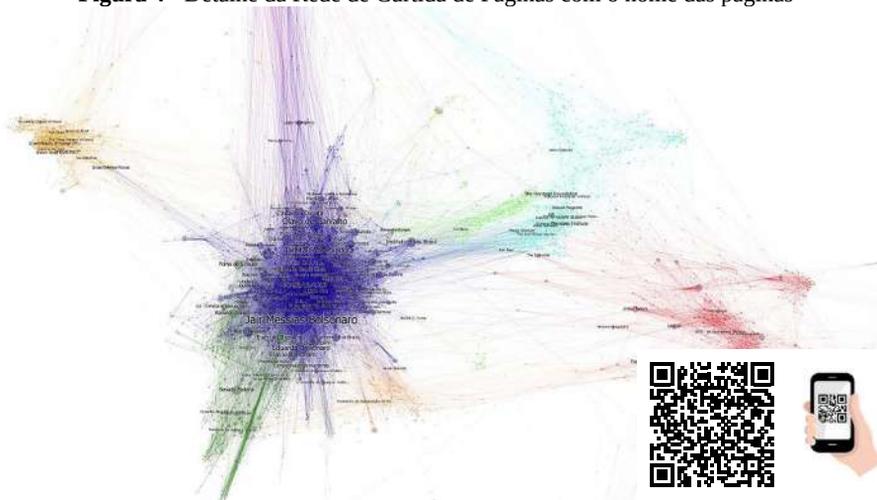
Fonte: a autora

4 Uma versão interativa da rede pode ser acessada a partir dos arquivos no repositório Zenodo <https://zenodo.org/record/3227649>.

Descrição da Rede Conservadora

Ao observar a rede construída, duas coisas são notórias logo de início: 1. uma clara segmentação espacial na rede conservadora, com um adensamento de nós na parte superior e um outro grande grupo, cercado por outros menores, na parte inferior do grafo (Figura 3); e 2. a centralidade da página de Jair Messias Bolsonaro, localizada na comunidade azul escuro na parte inferior do grafo (Figura 4).

Figura 4 - Detalhe da Rede de Curtida de Páginas com o nome das páginas



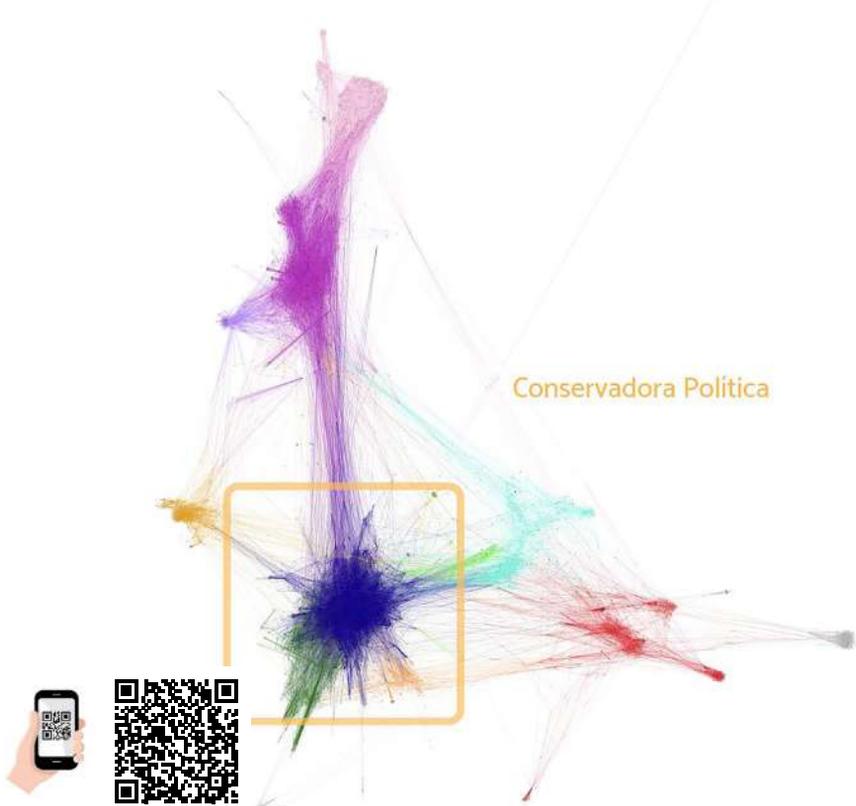
Fonte: a autora

A página do então deputado federal é o nó de maior tamanho do grafo, isto porque é a página que recebe mais curtidas dentre todas as páginas da rede. São 307 curtidas de páginas apontadas para ela. A segunda página com maior *in-degree* é a página Voltemos ao Evangelho, em roxo na parte superior do grafo, com 231 arestas apontadas para si, seguida pelas páginas Olavo de Carvalho, 204 arestas, e Direita Conservadora, 177 arestas, ambas na comunidade em azul escuro.

Para o entendimento do que significam os agrupamentos identificados pelos algoritmos e representados na rede, nos atentamos para os nomes de cada nó e voltamos ao Facebook para observar criticamente o conteúdo das páginas de maior relevância de cada comunidade. Na sequência, descrevemos cada uma das comunidades, identificadas pelas diferentes cores, para, ao final, interpretar as articulações do conservadorismo e dessa ampla frente de direita que se condensa nos últimos anos em torno da figura de Jair Bolsonaro.

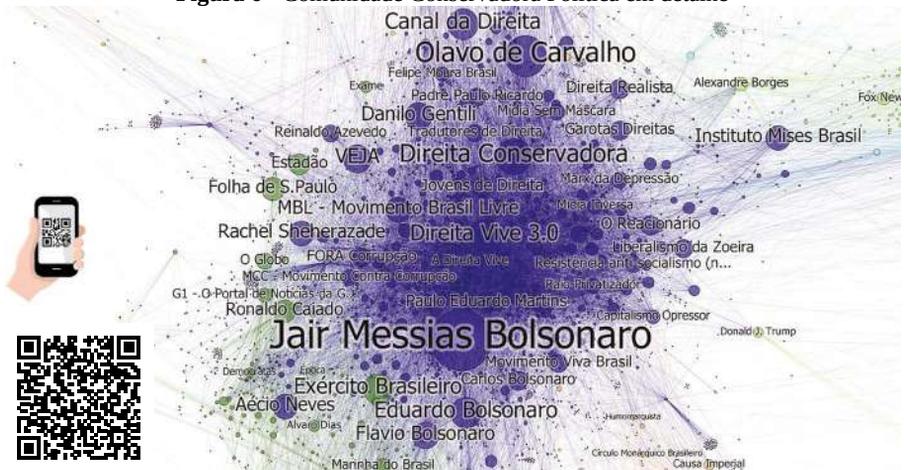
Comunidade Conservadora Política

Figura 5 - Localização na rede da Comunidade Conservadora Política



Fonte: a autora

Figura 6 - Comunidade Conservadora Política em detalhe



Fonte: a autora

A maior comunidade da rede é a comunidade **Conservadora Política**, com 2.342 nós e 17.245 arestas em azul ou aproximadamente um quarto do total da rede. É composta por uma gama diversa de páginas atuantes na esfera política brasileira, porém não necessariamente integrantes da corrente principal da Esfera Pública. A comunidade azul se liga fortemente à comunidade verde, como aponta a proximidade e a mescla de seus nós. Destacam-se as páginas que se autodeclararam pertencentes à direita política, como Direita Conservadora, Canal da Direita, Direita Vive 3.0 e Jovens de Direita.

As páginas de maior centralidade na comunidade, isto é, com maior número de arestas apontadas para elas, aparecem em tamanho maior no grafo (Figura 6). Fazemos uma breve descrição de cada uma delas a partir de observações no Facebook e de trechos de sua autodescrição na seção *sobre* ou *about*, grafados entre aspas:

- *Jair Messias Bolsonaro*, página do então deputado Jair Bolsonaro;

- *Olavo de Carvalho*, “página oficial do filósofo e escritor Olavo de Carvalho”, blogueiro independente e tradicional ativista de direita;

- *Direita Conservadora*, página de militância que objetiva a divulgação de “valores e princípios conservadores”, é uma das páginas semente desta rede;

- *Eduardo Bolsonaro*, filho de Jair Bolsonaro, policial federal e deputado federal eleito por São Paulo, na época no Partido Social Cristão (PSC).

O agrupamento combina páginas de políticos de direita, de intelectuais ativistas, de novos movimentos sociais, de humor, de grupos que se intitulam imprensa alternativa, de jornalistas e celebridades de meios de comunicação tradicionais; de líderes religiosos. São páginas que usam a mídia social para declarar apoio à polícia e ao exército; combater a ideologia de esquerda, o comunismo, o marxismo, o feminismo; para apoiar o capitalismo, o liberalismo, as privatizações; ou sustentar o direito de defesa da vida e da propriedade pela posse de armas, entre outras questões.

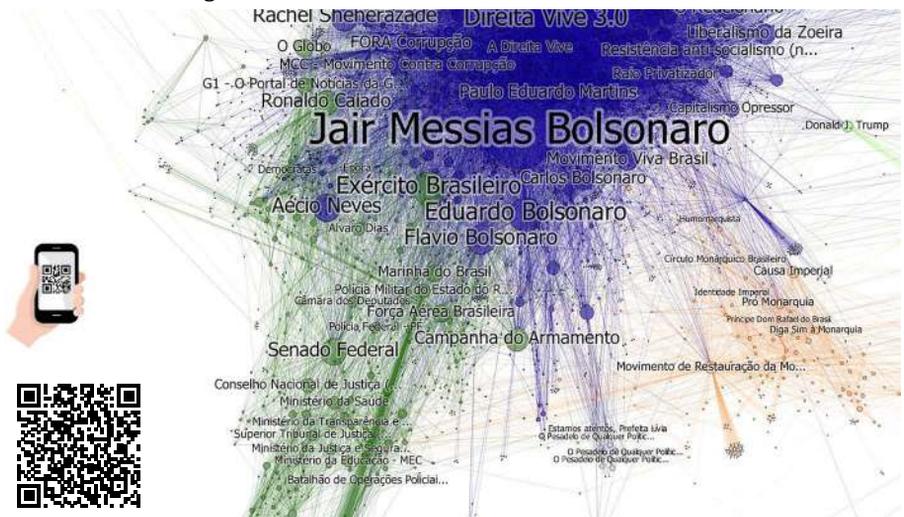
Comunidade Política Institucional

Figura 7 - Localização na rede da Comunidade Política Institucional



Fonte: a autora

Figura 8 - Comunidade Política Institucional em detalhe



Fonte: a autora

Com 750 nós, em verde escuro, a comunidade **Política Institucional** localizada à direita e parcialmente sobreposta à comunidade azul “Conservadora Política”, reúne páginas de veículos de imprensa, de políticos ligados a partidos tradicionais e instituições do Estado (Figura 7).

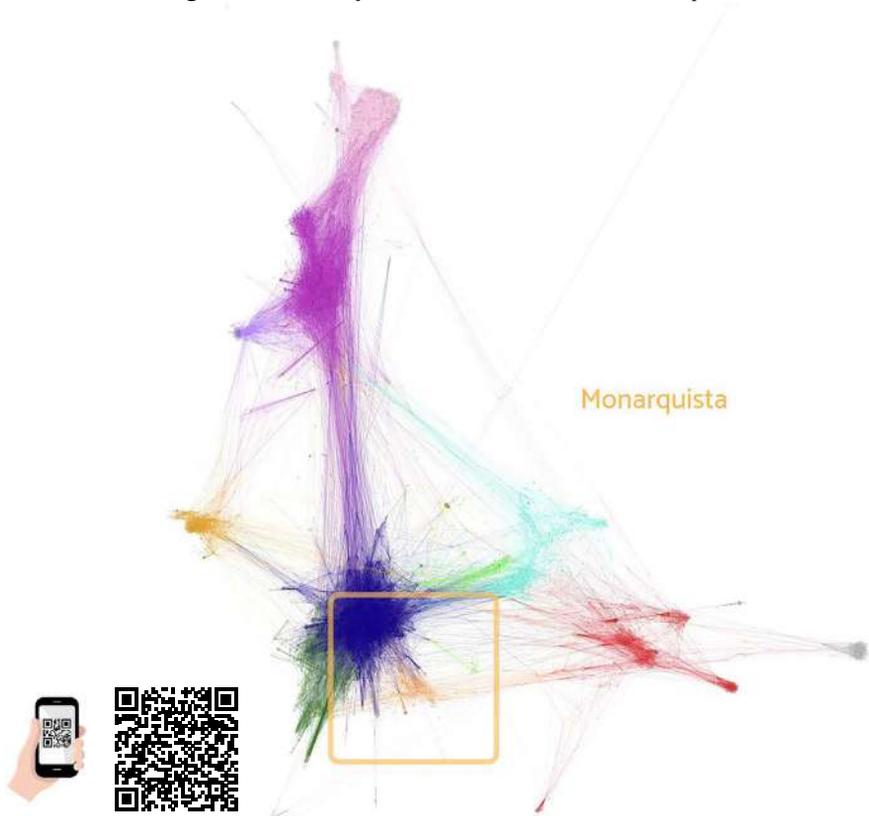
As páginas com maior *in-degree* da comunidade Política Institucional são (Figura 8):

- *Exército Brasileiro*, página oficial do exército brasileiro;
- *Senado Federal*, página oficial do senado;
- *Folha de S. Paulo*, jornal impresso de maior circulação no país;
- *Ronaldo Caiado*, na época, senador por Goiás, do partido DEM.

A comunidade é formada por páginas que remetem à Esfera Pública, como conceituada pelo filósofo alemão Jürgen Habermas (1991). São páginas de veículos de imprensa ligados a grandes grupos empresariais de comunicação, localizados na parte superior; páginas de partidos e políticos, na porção mediana; e páginas de instituições do Estado brasileiro, na parte inferior (Figura 8). Seus nós praticamente se mesclam aos nós da comunidade “Conservadora Política”, o que indica, mais do que proximidade, uma sobreposição de interesses. Estes atores da Esfera Pública presentes nesta comunidade verde, quanto outros que atuam nos mesmos campos, porém, não nos espaços oficiais ou de primeira linha da comunidade Conservadora Política, provavelmente articularam-se na oposição ao governo do PT ou no período eleitoral de 2014 ou na militância pelo *impeachment* dos anos seguintes.

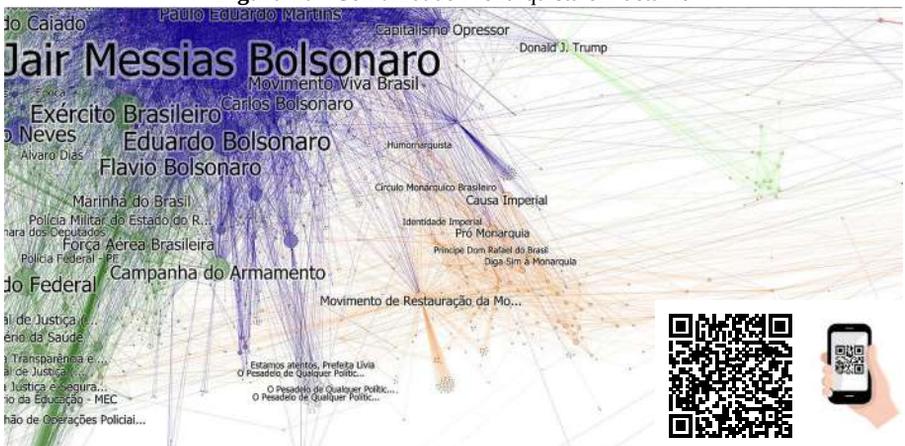
Comunidade Monarquista

Figura 9 - Localização na rede da Comunidade Monarquista



Fonte: a autora

Figura 10 - Comunidade Monarquista em detalhe



Fonte: a autora

Na parte inferior do grafo, bem próxima à comunidade azul, à sua direita, está a comunidade **Monarquista**, com 232 páginas, em laranja.

As páginas de maior centralidade da comunidade Monarquista são:

- *Movimento de Restauração da Monarquia no Brasil*, página cuja missão declarada é “mostrar que a Monarquia Constitucional Parlamentarista é o caminho a seguir para solucionar os problemas nacionais”;

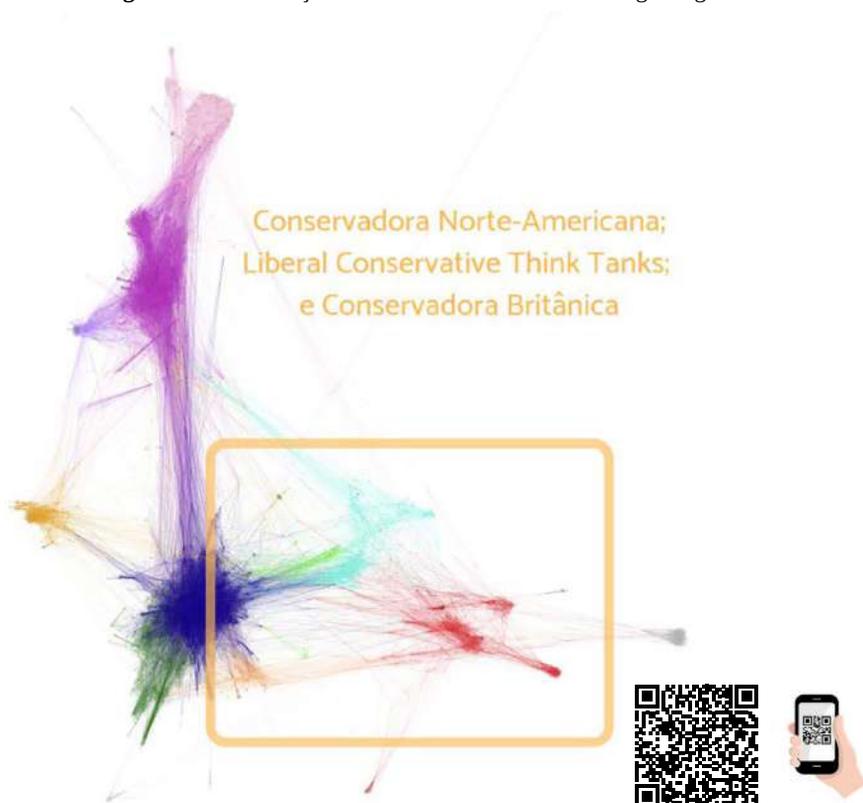
- *Causa Imperial*, página “pela restauração da Monarquia no Brasil”;

- *Pró Monarquia*, “página oficial da Casa Imperial do Brasil”.

Além das ligações com a comunidade “Conservadora Política”, a comunidade monarquista situa-se na mesma altura que e direciona vários *likes* para a comunidade institucional (Figura 10). Ela é puxada para a direita do grupo de páginas brasileiras pelas conexões com a comunidade “Conservadora Britânica”, em especial, às páginas ligadas à monarquia britânica ainda vigente.

Comunidade Conservadora Britânica

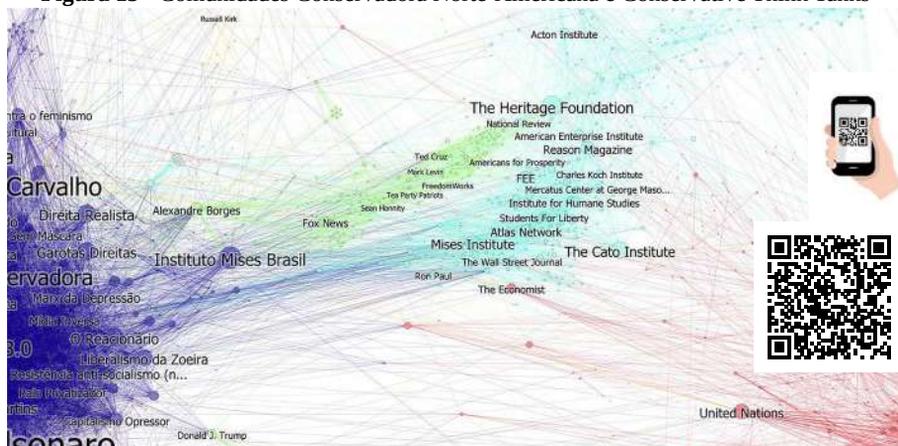
Figura 11 - Localização na rede das comunidades de língua inglesa



Fonte: a autora

Comunidade Conservadora Norte-Americana

Figura 13 - Comunidades Conservadora Norte-Americana e Conservative Think Tanks



Fonte: a autora

A comunidade verde-clara, com 256 páginas, é a **Conservadora Norte-Americana**. Ela é puxada pela página *Alexandre Borges*, que sozinha curtiu 198 páginas da rede. Nesse grupo, encontram-se as páginas:

- *Alexandre Borges*, blogueiro do jornal Gazeta do Povo e diretor do Instituto Liberal, cuja página faz o papel de *hub* entre a comunidade “Conservadora Política” brasileira e a norte-americana;

- *Fox News*, canal de notícias na TV paga norte-americana de viés à direita;

- *Ted Cruz*, senador estadunidense republicano;

- *Donald J. Trump*, presidente dos Estados Unidos pelo partido Republicano.

A página de Trump aparece deslocada de sua comunidade, tendo sido atraída pelas curtidas da comunidade “Conservadora Política” e localizada, curiosamente, na mesma altura da página do então deputado Jair Messias Bolsonaro. O restante das páginas da comunidade verde-clara agrupa-se mais acima, bem próximas à comunidade turquesa (Figura 13).

Comunidade Liberal-conservative Think Tanks

A quarta maior comunidade da rede, com 771 nós em turquesa (Figura 13), reúne organizações dedicadas ao pensamento conservador-liberal (*liberal-conservative*), à sua divulgação e à sua defesa na implementação políticas públicas. As páginas da comunidade **Liberal-conservative Think Tanks** com maior *in-degree* representam os seguintes institutos:

- *The Heritage Foundation*, fundação destinada a “formular e promover políticas públicas conservadoras baseadas nos princípios de livre iniciativa, governo limitado, liberdade individual, valores tradicionais americanos e uma forte defesa nacional”;

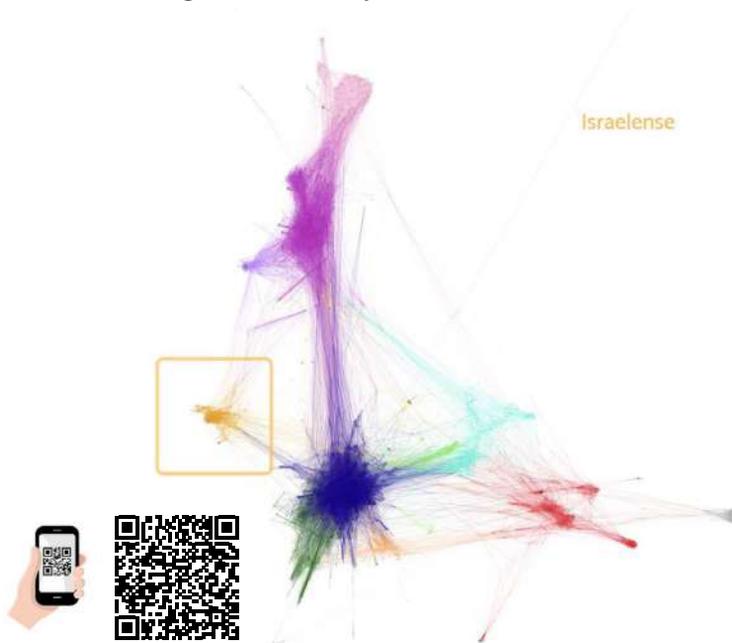
- *The Cato Institute*, “organização de pesquisa de políticas públicas dedicada aos princípios da liberdade individual, do governo limitado e dos mercados livres”;

- *Mises Institute*, “organização educacional dedicada à pesquisa e ensino na Escola Austríaca de economia e economia política *laissez-faire*”.

Observamos também páginas de grupos católicos, grupos de estudos universitários e páginas que levam o nome de importantes autores da teorização conservadora-liberal. A página *C. S. Lewis Institute*, *think tank* destinado a “desenvolver discípulos que articulem, defendam e vivam sua fé em Cristo na vida pessoal e pública”, opera com *hub* para a comunidade “Protestante Histórica”. Ela e outras páginas de organizações religiosas católicas puxam a “*Liberal-conservative Think Tanks*” para a parte de cima do grafo, onde estão as comunidades centradas na religião.

Comunidade Israelense

Figura 14 - Localização na rede da Comunidade Israelense,,



Fonte: a autora

Figura 15 - Comunidade Israelense em detalhe



Fonte: a autora

No extremo oposto do grafo, à esquerda e numa altura intermediária, está a comunidade **Israelense**, em amarelo, com 477 nós.

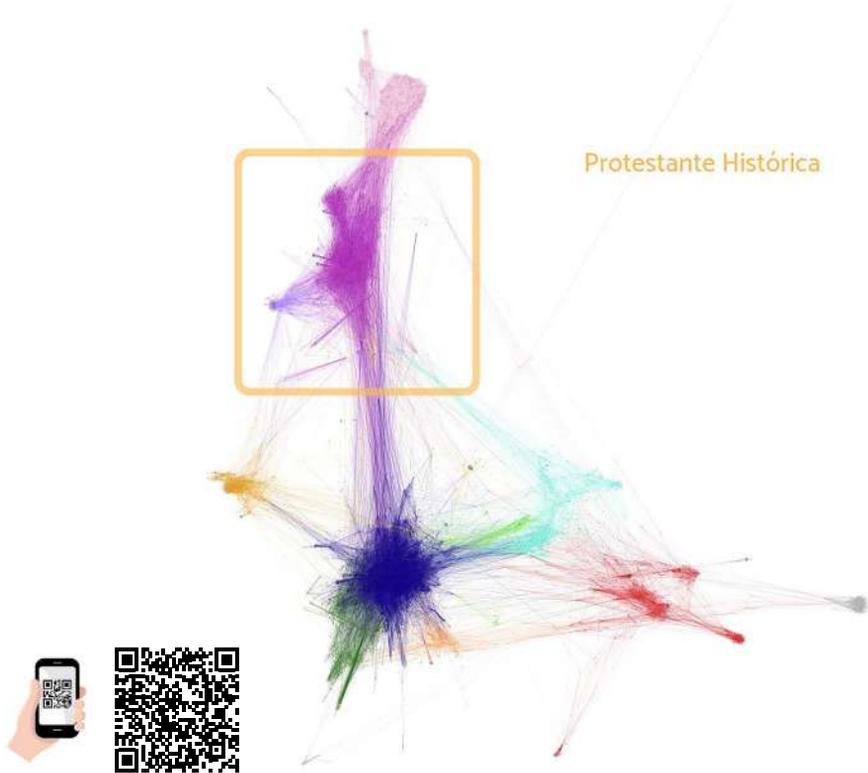
Os nós com maior *in-degree* são páginas oficiais do governo israelense, à exceção da terceira (figura 15):

- *Israel Ministry of Foreign Affairs*, página do Ministério das Relações Exteriores de Israel;
- *Israel Defense Forces*, página do exército israelense;
- *Visit Israel*, página de agência de turismo que divulga atrações turísticas;
- *The Prime Minister of Israel*, página do primeiro ministro de Israel.

A comunidade agrega também páginas de entidades judaicas no Brasil, páginas de diversos países e movimentos religiosos de apoio a Israel, como *Israel in the USA*, *StandWithUs*, *Christians United for Israel (CUFI)* e *Confederação Israelita do Brasil (CONIB)*. A página do exército Israelense atua como *hub* com a comunidade “Conservadora Política” e páginas variadas, em especial páginas de agências de turismo, são curtidas pela comunidade roxa, “Protestante Histórica”. Curiosamente, a página do presidente israelense Benjamin Netanyahu figura na rede, mas não recebe nenhuma curtida vinda das comunidades brasileiras.

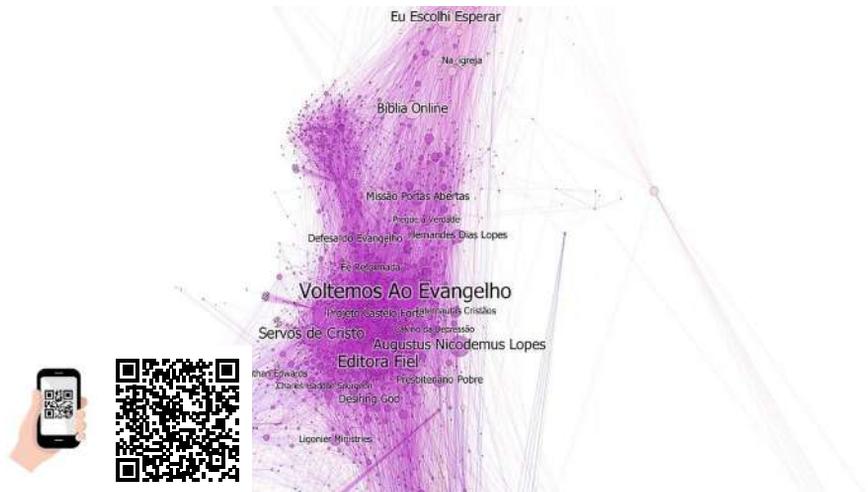
Comunidade Protestante Histórica

Figura 16 - Localização na rede da Comunidade Protestante Histórica



Fonte: a autora

Figura 17 - Comunidade Protestante Histórica em detalhe



Fonte: a autora

A comunidade roxa, com 1.611 páginas, é a segunda maior da rede e congrega páginas cristãs ligadas ao **Protestantismo Histórico**, em especial das linhas conhecidas como evangélicas clássicas. As páginas representam figuras públicas como pastores, igrejas, grupos de jovens, editoras e outros grupos de divulgação de material teológico. Boa parte das páginas dedica-se à publicação de mensagens do evangelho voltadas à comunidade protestante, numa estratégia de reforço à crença cristã de seu público.

As páginas de maior centralidade são (figura 17):

- *Voltemos Ao Evangelho*, página de divulgação de conteúdo “cristão centrado no evangelho de Jesus Cristo”;

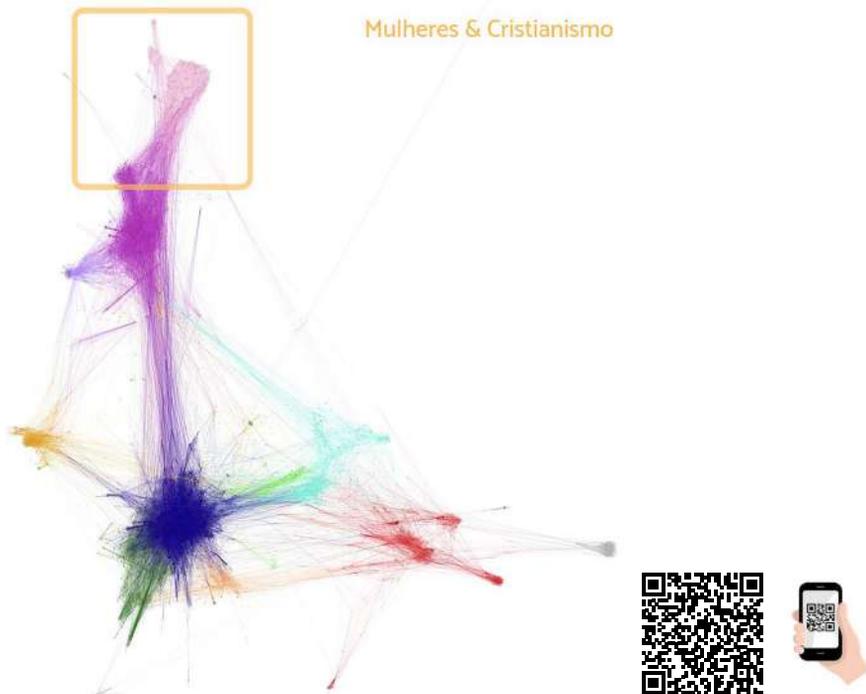
- *Editora Fiel*, editora de livros que oferecem ao ministério de pastores base teológica em língua portuguesa;

- *Servos de Cristo*, página de divulgação cristã “que acredita na simplicidade do Evangelho e tem Cristo como esperança de Vida Eterna”;

- *Augustus Nicodemus Lopes*, pastor da igreja Presbiteriana, professor e escritor paraibano;

Comunidade Mulheres Cristianismo

Figura 18 - Localização na rede da Comunidade Mulheres & Cristianismo



Fonte: a autora

Figura 19 - Comunidade Mulheres & Cristianismo em detalhe



Fonte: a autora

A comunidade roxa, Protestante Histórica, aparece fortemente conectada à comunidade rosa, com 732 páginas na parte superior; e à comunidade lilás, à sua esquerda, com 295 páginas. Esta segunda é um aglomerado de nós relacionados à página Puritanismo.

A comunidade rosa é a sexta maior da rede em número de nós e merece nossa atenção por ser a única comunidade da rede que não está diretamente associada ao conservadorismo. Reúne 8% dos nós da rede e 16% das arestas, indicando alta densidade de interconexão. É formada por um grupo de páginas de conteúdo voltado para mulheres e aparentemente feito por mulheres, algo como uma rede de “ativistas cristãs” que usam o Facebook para compartilhar mensagens de encorajamento e positividade. Entre elas:

- ♡ *Palavras de esperança by Terezinha* ♡, a quarta em grau de entrada;
- *Igual, porém diferente by Eliza Bezerra*, décima primeira.

Quando observamos as páginas em outubro de 2017, muitas delas tinham como imagem de capa figuras relacionadas à campanha Outubro Rosa, lembrando da importância da prevenção do câncer de mama. Entre as postagens encontramos temáticas que extrapolam a esfera religiosa, como a questão da violência contra a mulher e cuidados com a saúde. À primeira vista, em razão do título, as páginas pareciam ser meios de comunicação de caráter pessoal, mas não vimos nenhuma aparição das autoras em pessoa nas postagens. Chamamos a comunidade de **Mulheres & Cristianismo**.

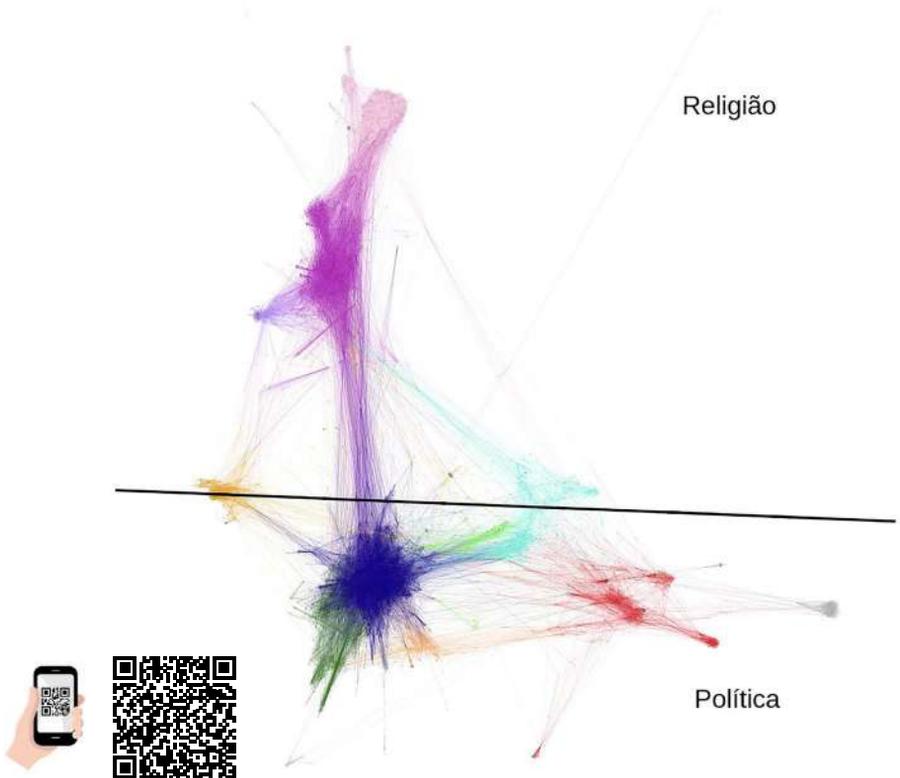
Além das páginas de mulheres, há páginas referentes a símbolos cristãos; as mais curtidas pertencem a um mesmo grupo de mídia cristão. Apesar do alto nú-

mero de *likes* de página e fãs, as páginas *Jesus Cristo* e *Bíblia Sagrada* tem baixíssima interação com seu conteúdo noticioso. Isso indica que as curtidas foram dadas com intenção de marcar posição: os usuários ou páginas desejosas de comunicar ao público da rede seu apreço por Jesus e pela Bíblia curtiram as respectivas páginas pelas figuras que elas representam e não porque tivessem algum interesse no conteúdo publicado por elas. Note a posição das duas páginas (Figura 19): a *Bíblia Sagrada* está na parte inferior, próxima à comunidade roxa, e *Jesus Cristo* localiza-se distante, na parte superior. Isso acontece porque várias curtidas da comunidade “Protestante Histórica” foram direcionadas à página *Bíblia Sagrada* e uma menor quantidade foi direcionada a *Jesus Cristo*.

É muito interessante observar a posição de *hub* ou conexão entre as comunidades roxa e rosa da página *Eu Escolhi Esperar*, “campanha para cristãos solteiros” de incentivo para que decidam e consigam “se guardar sexualmente para o casamento”. Relacionamento, sexo e casamento fazem parte do universo simbólico de homens e mulheres nas comunidades cristãs. É como se ali, as mulheres da comunidade rosa encontrassem os homens da comunidade roxa. Isso é apenas uma metáfora, claro. Mas o caráter feminino da comunidade “Mulheres e cristianismo” nos faz reparar na tendência a um discurso centrado na figura masculina presente na comunidade “Protestante Histórica” e em todo o restante da Rede Conservadora.

Uma interpretação da rede conservadora

Figura 20 - Demarcação das esferas da Rede Conservadora



Fonte: a autora

A descoberta mais evidente da análise da rede de curtida de páginas é a separação espacial entre as comunidades localizadas nas partes superior e inferior do grafo. O grupo de cima congrega páginas relacionadas ao cristianismo, em especial ao protestantismo histórico. O grupo de baixo, relaciona-se predominantemente à política (Figura 20). É importante salientar, porém, que a linha traçada como demarcação não representa uma barreira entre as esferas sociais. Ao contrário, a ligação entre as duas esferas - religião e política - é evidenciada pelas conexões entre os grupos distribuídos nos dois lados do plano. Valores religiosos podem estar presentes no discurso sobre política efetuado nas páginas do lado inferior da linha, assim como a política também pode estar presente nas interações que ocorrem nas páginas da parte superior do grafo.

A presença da comunidade Protestante Histórica, em roxo, na rede é curiosa. De acordo com o censo mais recente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2010, os evangélicos de missão correspondem a 4,2% da

população brasileira. Mesmo assim, a minoria religiosa marcou presença na rede com uma comunidade densamente conectada. Primeiramente, isso denota que protestantes históricos se identificam com a adjetivação conservador: duas das páginas semente autodenominadas conservadoras se localizam nessa comunidade. As curtidas que unem as comunidades roxa e azul partem de ambos os grupos, mostrando que as páginas se relacionam e compartilham interesses.

O ponto mais interessante da comunidade Protestante Histórica não é sua presença, mas é justamente o fato de ela tornar evidente a ausência de uma comunidade católica e de uma comunidade evangélica neopentecostal. As religiões da maioria da população brasileira - 65% católica e 13,4% evangélica pentecostal/neopentecostal segundo o censo de 2010 - não aparecem representadas em comunidades específicas. Uma hipótese para explicar essa ausência seria pensar que, ao menos no Facebook, os atores dessas religiões não se identificam como conservadores e nem se relacionam publicamente com os outros atores dessa rede. Isso seria no mínimo estranho, tendo-se em conta a relação histórica entre o catolicismo e movimentos políticos conservadores no Brasil e o atual crescimento das religiões neopentecostais, associadas na literatura a uma moral conservadora (CAVALARI, 1999; BERTONHA, 2013; CÔRTEZ, 2018; ALMEIDA, 2017; MACHADO, 2017; MARIANO, 2016).

Há, de fato, páginas de padres e grupos católicos na rede, assim como de pastores evangélicos. Mas elas estão integradas à comunidade Conservadora Política. A comunidade em azul escuro absorve páginas de padres que assumem a missão de realizar “evangelização midiática”, como o Padre Paulo Ricardo, e de pastores neopentecostais que desempenham papéis na política institucional, como o deputado federal Marco Feliciano e o presidente nacional do Partido Socialista Cristão - PSC, Pastor Everaldo. As páginas protestantes históricas, ao contrário, formam uma comunidade relativamente isolada, pois se conectam mais frequentemente entre si. Esse posicionamento relativamente afastado do hiperplano político reflete princípios próprios do protestantismo: “As igrejas protestantes, a maioria originária do sul dos Estados Unidos, trouxeram consigo a forte influência da ‘Igreja espiritual’, que relegava a política a César”. Somado ao sentimento de anticatolicismo, os protestantes concluíam: “se católicos se envolviam na política, os protestantes deviam então afastar-se dela” (REILY, 1993, p. 272 *apud* LEAL, 2018).

Ainda sobre as relações entre religião e política, traçamos o eixo que separa as duas esferas sobre a comunidade Israelense. As páginas desta comunidade, em geral, não são páginas de entidades religiosas, as de maior destaque são páginas oficiais relacionadas à política do estado de Israel. Mesmo assim, posicionei o eixo sobre ela, pois nos interessa muito mais o valor simbólico atribuído a ela

pelas curtidas recebidas do que o conteúdo publicado por suas páginas. Israel é governado por partidos de direita desde 2009, mas a página oficial do primeiro ministro israelense não tem nenhuma curtida da comunidade Conservadora Política brasileira. Dali, na verdade, partem curtidas para a página do exército israelense. Da comunidade Protestante Histórica, por sua vez, partem curtidas para páginas de turismo ou relações exteriores. Quando o assunto é Israel, a atenção não se volta especificamente para a política. Religião e militarismo se misturam no universo simbólico conservador.

A presença das comunidades de língua inglesa ligadas à tradição conservadora anglo-saxã também chama a atenção para a ausência de comunidades especificamente vinculadas ao conservadorismo da vertente católica ultramontana, presente no Brasil desde a metade do século XIX e que teve importante papel na fundamentação moral conservadora que deu apoio ao regime militar de 1964 (KOCH, 2013; CALDEIRA, 2005). O conservadorismo de língua inglesa que aparece em nossa rede desenvolve-se academicamente principalmente após a Segunda Guerra Mundial e ganha força internacionalmente na década de 1980 nos governos Reagan e Thatcher, nos Estados Unidos e na Inglaterra. Sua marca é a defesa de valores morais conservadores e valores liberais na economia. A presença dessas comunidades de língua inglesa pode indicar uma variação importante na atual configuração do conservadorismo político brasileiro em relação ao do período da mais recente ditadura civil-militar. A existência da comunidade *Liberal-conservative Think Tanks* é um indicativo de que o ativismo internacional dessas organizações tem chegado ao Brasil, ao menos em conexão com atores presentes da comunidade Conservadora Política.

A presença da comunidade Monarquista marca a existência de um movimento militante pela restauração da Monarquia no Brasil. Para além das relações de ativismo político, a posição na rede é um sinal de que ainda persiste no imaginário conservador a simbologia da monarquia e da família real quase 130 anos depois da proclamação da República e do fim do Império no Brasil.

Sobre a comunidade Política Institucional, é interessante notar que mesmo com a popularização das mídias sociais digitais e a ascensão de partidos não tradicionais e de novos movimentos sociais de direita, a Esfera Pública, como descrita por Habermas, ainda é um conceito que faz sentido; os atores da mídia de massa, da política partidária tradicional e das instituições do Estado permanecem fortemente conectados.

É importante salientar a parcial sobreposição da comunidade verde escura com a comunidade azul. O algoritmo de espacialização posicionou nós dos dois grupos na mesma região. Ainda assim, o algoritmo de modularidade detectou que as páginas formam dois grupos diferentes, isso porque há mais conexões internas

em cada um dos grupos. É o mesmo que dizer que as páginas da comunidade Política Institucional curtem umas às outras, enquanto as páginas conservadoras também curtem mais outras páginas conservadoras. Percebemos, portanto, uma proximidade de interesses entre atores da política tradicional e atores *outsiders*, políticos filiados a partidos sem tradição; jornalistas da grande imprensa, porém sem um histórico de carreira e credibilidade; celebridades midiáticas sem atuação política; ativistas de internet; novos movimentos sociais e outros - um tipo de ator que arriscaria associar àqueles que “se consideram perdedores” caracterizados pelo filósofo Marcos Nobre (2018).

É certo que os atores dessa “contra esfera pública” têm por objetivo influenciar e atuar na Esfera Pública, por isso suas páginas precisam estabelecer conexões com as páginas do grupo verde. Mas diante da atuação francamente favorável ao impeachment dos veículos de imprensa e dos políticos que aparecem na rede, pensamos que essas comunidades podem ter sido localizadas tão próximas devido à sua conjunção de interesses durante as eleições de 2014 e os anos que se seguiram até o impeachment de Dilma. Além da mídia e dos políticos, destacamos a intensa presença de páginas militares que se ligam às páginas dos integrantes da família Bolsonaro, demonstrando que o deputado e seus filhos se relacionam com intensidade com as forças armadas.

Deixamos por último os comentários sobre a comunidade mais dissonante da rede. Ao analisar o conteúdo das páginas de Mulheres & Cristianismo, na parte superior do grafo, nos perguntamos se se tratava de uma comunidade conservadora, uma vez que nada remetia a valores presentes no restante da rede, como a oposição a algum inimigo, a violência justificada por essa ameaça, a necessidade de uma autoridade para imposição da ordem e o louvor à submissão. Ao contrário, as mensagens publicadas pelas páginas desse grupo eram de superação, autocuidado e elevação de autoestima. A suspeita de pouca ligação com o conservadorismo se confirmou na matemática das redes. Aplicamos o algoritmo de *Hits* (KLEINBERG, 1999), que calcula entre outras coisas a característica de cada nó como *hub*, ou seja, como conector de grupos. Na prática, se um nó identificado como *hub* cai, grande parte da rede também cai, pois está exclusivamente ligada a ele. O maior *hub* da rede toda é a página *Heresia*, página crítica à mercantilização das igrejas e que aponta para 761 páginas da comunidade rosa. Sem ele, a maior parte das páginas de “Mulheres e cristianismo” não apareceria na rede conservadora, o que demonstra relativa independência da comunidade.

A presença dessa comunidade fracamente conectada, primeiramente, chama atenção para a ausência de outras comunidades não conservadoras na rede. Isso indica que as páginas conservadoras e as páginas curtidas coletadas relacionam-se apenas entre si, numa espécie de sistema fechado sem interferências de um mundo externo. Elas formam o que é conhecido por “câmara de eco”, um sistema isolado da introdução de visões externas, mas no qual as visões de seus membros são

capazes de circular amplamente (SUNSTEIN, 2009). Essa é uma configuração específica dessa rede montada a partir das páginas autodenominadas conservadoras e não significa que essas páginas não se relacionem com outras que não figuram aqui em razão de nosso método de coleta. Mas, de qualquer forma, é interessante ver que a busca por páginas conservadoras e correlatas resultou num ecossistema estilo câmara de eco.

Considerações Finais

A análise da rede conservadora de Páginas Públicas no Facebook nos mostra que a direita contemporânea brasileira congrega atores de um amplo espectro: dos militares aos conservadores cristãos, passando pelos liberais, pelos monarquistas e por todo um complexo de mídia e política envolvendo veículos e partidos tradicionais e também novos partidos e novos movimentos sociais de Internet. Essa rede articulou-se num esforço de oposição ao governo após pelo menos três mandatos petistas. É, portanto, como oposição à esquerda no poder que a atual direita, plural e heterogênea, constitui-se como uma força unificada.

Jair Bolsonaro aparece como figura central da rede, com maior número de curtidas de páginas. Tal centralidade pode ser atribuída ao fato de Bolsonaro ter se colocado como porta-voz de valores pró-militares durante toda sua carreira política e, em especial, ter dado ênfase a pautas conservadoras e antiesquerda nos anos em que o país foi governado pelo Partido dos Trabalhadores, com maior ênfase nos governos Dilma Rousseff. No mandato de 2010 a 2014, o deputado colocou-se abertamente como defensor de valores morais conservadores e conseguiu, através de sua performance político-midiática com o uso de mídias tradicionais de segunda linha e das novas mídias sociais digitais, atrair a atenção desses grupos diversos e de um grande público que, recentemente, passou a expressar sentimentos antipopulares e até antidemocráticos sem nenhum constrangimento na Internet.

Por fim, a detecção de comunidades estrangeiras na rede conservadora dá a entender que a ascensão do conservadorismo no Brasil não é um fenômeno que se explica unicamente pelas articulações locais. É preciso levar em conta que movimentos populistas - entendidos como a ascensão eleitoral de figuras desligadas de partidos tradicionais - que desautorizam a democracia liberal estão emergindo em diversos países do mundo (MOUNK; FOA, 2018). Deduzimos - da análise da rede de curtida de páginas ligadas ao conservadorismo no Facebook - que ascensão das direitas contemporâneas depende de articulações locais com grupos historicamente constituídos e também com novos movimentos sociais fortalecidos pelas inovações introduzidas nas comunicações pela Internet. E mais, a identificação

de comunidades estrangeiras, em especial das comunidades de páginas da direita política norte-americana e de grupos destinados à propagação de valores econômicos liberais, dá pistas para o entendimento da atual escalada conservadora no Brasil a partir de uma perspectiva global. Investigações futuras podem dar a entender exatamente como esses grupos se relacionam e se o que ocorre localmente no Brasil atual é também decorrência de uma estratégia mundialmente articulada.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Ronaldo de. A onda quebrada - evangélicos e conservadorismo. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 50, e175001, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332017000200302&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 jun. 2020. Epub June 26, 2017. <https://doi.org/10.1590/1809449201700500001>.

BASTIAN M., HEYMANN S., JACOMY M.. Gephi: an open source software for exploring and manipulating networks. **International AAAI Conference on Weblogs and Social Media**, 2009. Disponível em: <https://www.aaai.org/ocs/index.php/ICWSM/09/paper/viewFile/154/1009>

BEN-DAVID, Anat; MATAMOROS-FERNÁNDEZ, Ariadna. Hate speech and covert discrimination on social media: Monitoring the Facebook pages of extreme-right political parties in Spain. **International Journal of Communication**, Los Angeles, v. 10, p. 1167-1193, 2016. Disponível em: <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/3697>. Acesso em: 12 jun. 2020.

BERTONHA, João F. **Plínio Salgado**. São Paulo: USP (Tese de livre-docência), 2013.

BLONDEL, Vincent D.; GUILLAUME, Jean-Loup; LAMBIOTTE, Renaud; LEFEBVRE, Etienne. Fast unfolding of communities in large networks. **Journal of Statistical Mechanics: Theory and Experiment**, Paris, v. 10, 2008. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/0803.0476>. Acesso em: 12 jun. 2020.

BOLSONARO, Jair Messias. Câmara dos Deputados do Brasil. **Pronunciamento em 17 de abril de 2016, por ocasião da votação do prosseguimento do processo de impeachment da Presidenta Dilma Rousseff**. Brasília, 2016. Transcrito em: <https://www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/discursoDiretoCMO.asp?nuReuniao=1143%2F16>

BRUNS, Axel; BURGESS, Jean; HIGHFIELD, Tim. A 'big data' approach to mapping the Australian Twittersphere. In: BODE, K. (ed.) **Advancing Digital Humanities**. London: Palgrave Macmillan UK, 2014.

BRUNS, Axel. Methodologies for mapping the political blogosphere: An exploration using the IssueCrawler research tool. **First Monday**, Chicago, v.

12, n. 5, 2007. Disponível em: <https://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/1834/1718>. Acesso em: 12 jun. 2020.

BURGESS, Jean; BRUNS, Axel. Twitter Archives and the Challenges of “Big Social Data” for Media and Communication Research. **M/C Journal**, [S.l.], v. 15, n. 5, oct. 2012. ISSN 14412616. Disponível em: <http://journal.media-culture.org.au/index.php/mcjournal/article/view/561>. Acesso em: 12 jun. 2020.

CALDEIRA, Rodrigo Coppe. **O influxo ultramontano no Brasil e o pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira**. Dissertação (Mestrado em Teologia), Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005.

CANO, César Augusto Rodríguez. Communication in Movement and Techno-Political Media Networks: the case of Mexico. In: CABALLERO, F. S.; GRAVANTE, T. **Networks, Movements and Technopolitics in Latin America**. London: Palgrave Macmillan, 2018.

CAVALARI, Rosa. **Integralismo**. Bauru: EDUSC, 1999.

CHO, S. E.; PARK, H. W. Who are dominant communicators on Twitter? A study of Korean Twitter users. **International Journal of Contents**, [S.l.], v. 9, n. 1, p. 49-59, 2013. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Who-are-Dominant-Communicators-on-Twitter-A-Study-Cho-Park/5d3e5c4fcde2b104fff4fb8dd28cc667718b581db?citationIntent=background#citing-papers>. Acesso em: 11 jun. 2020.

CÔRTEZ, Mariana. O dispositivo pentecostal e a agência dos governados. **Em Debate**, Belo Horizonte, v.10, n.1, p.31-38, abril 2018. Disponível em: <http://opiniaopublica.ufmg.br/site/files/artigo/7O-dispositivo-pentecostal-e-a-agencia-dos-governados-Dossie.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2020.

FRIGO, Diosana. A circulação da “fala de Jair Bolsonaro”: o mapa rizomático de um acontecimento na sociedade em vias de midiatisação. In: Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatisação e Processos Sociais, **Anais...** [S.l.], v. 1, n. 2, jul. 2018. Disponível em: <https://midiaticom.org/anais/index.php/seminario-midiatizacao-resumos/article/view/1004>. Acesso em: 11 jun. 2020.

FERRARI, Bruno; CAPELO, Rodrigo. O sobe e desce dos políticos no Facebook. *Época*, 8 de abril de 2016. Disponível em: <http://epoca.globo.com/vida/experiencias-digitais/noticia/2016/04/o-sobe-e-desce-dos-politicos-no-facebook.html>. Acesso em: 11 jun. 2020.

HABERMAS, Jürgen. **The Structural Transformation of the Public Sphere: An Inquiry into a category of Bourgeois Society**. Cambridge: MIT Press, 1991 [1962]

JACOMY M.; VENTURINI, T.; HEYMANN, S.; BASTIAN, M.. ForceAtlas2, a Continuous Graph Layout Algorithm for Handy Network Visualization Designed for the Gephi Software. **PLoS ONE**, San Francisco, v. 9, n. 6, 2014. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0098679>. Acesso em: 12 jun. 2020.

KIM, H.; PARK, H. W.; THELWALL, M.. Comparing academic hyperlink structures with journal publishing in Korea: A social network analysis. **Science Communication**, Thousand Oaks, v. 27, n. 4, p. 540-564, 2006. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1075547006288037>. Acesso em: 12 jun. 2020.

KLEINBERG, Jon M. Authoritative Sources in a Hyperlinked Environment. *Journal of the ACM*, [S.l.], v. 46, n. 5, p. 604-632, 1999. Disponível em: <https://www.cs.cornell.edu/home/kleinber/auth.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2020.

KOCH, Ana Maria. Cruzada pela democracia: militantes católicos no Brasil republicano. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 33, n. 66, p. 287-308, Dez. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882013000200014&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 jun. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-01882013000200014>.

LAMBIOTTE, R.; DELVENNE, J.-C.; BARAHONA, M.. Laplacian Dynamics and Multiscale Modular Structure in Networks. **arXiv physics.soc-ph**, [S.l.], 2009. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/0812.1770>. Acesso em: 12 jun. 2020.

LEAL, Jair Souza. Os batistas brasileiros e o golpe militar de 1964. **PLURA, Revista de Estudos de Religião**, [S.l.], v. 8, n. 2, p. 101-118, 2018. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/plura/article/view/1463>. Acesso em: 12 jun. 2020.

MACHADO, Maria das Dores C. Pentecostais, sexualidade e família no Congresso Nacional. *Horizontes Antropológicas*, Porto Alegre, v. 47, p. 351-280, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ha/v23n47/0104-7183-ha-23-47-0351.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2020.

MANOVICH, Lev. "Trending: The Promises and the Challenges of Big Social Data.". In: GOLD, Matthew K. (ed.) **Debates in the Digital Humanities**. Minneapolis: University of Minnesota, 2012.

MARIANO, Ricardo. Expansão e ativismo político de grupos evangélicos conservadores: Secularização e pluralismo em debate. *Civitas, Rev. Ciênc. Soc.*, Porto Alegre, v. 16, n. 4, p. 708-726, Dez. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-60892016000400012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 jun. 2020. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2016.4.25765>.

METZ, Jean; CALVO, Rodrigo; SENO, Eloize R. M.; ROMERO, Roseli A. F.; LIANG, Zhao. **Redes Complexas: conceitos e aplicações**. ICMC-USP: São Paulo, 2007.

MOUNK, Yascha; FOA, Roberto Stefan. The End of the Democratic Century: Autocracy's Global Ascendance. *Foreign affairs*, New York, v. 97, 2018. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/2018-04-16/end-democratic-century>. Acesso em: 12 jun. 2020.

NOBRE, Marcos. A Revolta Conservadora: Bolsonaro será o líder de um governo antiestablishment. **Piauí**, v. 147, dezembro de 2018. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-revolta-conservadora>. Acesso em: 12 jun. 2020.

PORTUGAL, Silvia. Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica. **Oficina do CES**, Coimbra, n. 271, 2007.

QUEIROZ, Antonio. Novo Congresso Nacional veio pior que a encomenda. Agência DIAP, 15 de Outubro de 2018. Disponível em: <https://www.diap.org.br/index.php/noticias/agencia-diap/88896-novo-congresso-veio-pior-que-a-encomenda>. Acesso em: 11 jun. 2020.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela. **Análise de Redes para Mídia Social**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.

REILY, Duncan Alexander. **História documental do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Aste, 1993.

RIEDER, Bernhard. Studying Facebook via data extraction: the Netvizz application. *In: Proceedings of the 5th annual ACM web science conference*, Paris, ACM, p. 346-355, 2013.

ROGERS, Richard. **Emerging Trends in the Social and Behavioral Sciences**. Hoboken: John Wiley & Sons, 2015.

ROGERS, Richard. **Digital methods**. Cambridge: MIT press, 2013.

SANTOS JUNIOR, Marcelo Alves. **Vai pra Cuba!!! A rede antipetista na eleição de 2014**. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

SHALDERS, André. Como o discurso de Bolsonaro mudou ao longo de 27 anos na Câmara?. **BBC Brasil**, 7 de dezembro de 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42231485>. Acesso em: 11 jun. 2020.

SUNSTEIN, Cass R. **Republic.com 2.0**. Princeton: Princeton University Press, 2009.

WASSERMAN, S.; FAUST, K. **Social Network Analysis. Methods and Applications**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1994.